

RESENHA

ADORNO, Theodor W.

MÍNIMA MORALIA - Reflexões a Partir da Vida Danificada. São Paulo, ed. Atica, 1992. Título original: MÍNIMA Moralia. Suhrkamp, 1951. Tradução de Luiz Eduardo Bicca e revisão de Guido de Almeida, 216 p.

Adorno, filósofo, musicólogo e sociólogo, nascido em Frankfurt (1903) é um dos expoentes - ao lado de Horkheimer e Walter Benjamin - da Escola de Frankfurt. Juntamente com seu companheiro Horkheimer com o qual seu pensamento às vezes se confunde, faz uma cerrada crítica à filosofia como um todo e à sociedade tecnológica, fruto do iluminismo. O pensamento de Adorno é um duro ataque ao modelo científico patrocinado sob a inspiração iluminista que é um itinerário da racionalidade totalizante. Suas análises da alienação inerente ao mundo da Indústria Cultural e da racionalidade tecnológica exercem profunda influência na segunda metade do nosso século. A ciência e a técnica que vieram para libertar o homem da visão mágica, do mito, criaram outro, mais potente e sofisticado: agora o homem é vítima do próprio progresso e da racionalidade técnica. Assim, o que ele chama de "Indústria Cultural" impede o homem de ser autônomo, livre, capaz de agir conscientemente. Em suma, a razão iluminista tão decantada, não é mais que Razão Instrumental, domínio totalitário e ideológico. Neste prisma é preciso empreender uma crítica geral, negativa... deconstruir tal mito opressor. Cabe a esta crítica resgatar o indivíduo em sua totalidade. A defesa apaixonada e corajosa da liberdade transcendental e da individualidade como valor fundamental do humano é, sem dúvida, a grande contribuição de Adorno ao pensamento filosófico.

A presente obra traz considerações sobre aspectos sociais, antropológicos, psicológicos, estéticos, científicos e filosóficos da sociedade exausta e alienada do pós-guerra. Expressa-se nesta *MÍNIMA Moralia* também o próprio pensamento do companheiro Horkheimer. São apresentados, enfim, com esta publicação, aspectos da filosofia que ambos compartilham.

O caráter solto e descompromissado da forma, bem como, a renúncia a qualquer articulação explícita, revelam diferentes aspectos da Filosofia e da experiência subjetiva do autor. Entretanto, pode-se auscultar ao logo da obra um traço seguro de unidade, ou seja, o olhar agudo e atencioso de Adorno às deformações que permeiam a existência moderna. Isto desde o caráter cotidiano da vida até o pensamento eminentemente filosófico. A compreensão da presente obra também exige que se lhe apresente todo o peso do pano de fundo do qual ela emerge: a dura experiência e a tragicidade da Segunda Guerra Mundial cujos resultados solapam a própria racionalidade moderna em si.

"*Mínima Moralia*" com seus textos esparsos e variados é uma análise "existencial" da alienação inerente ao mundo técnico e industrializado e sua racionalidade objetiva bem como uma poderosa crítica à barbárie em que a modernidade mergulhou.

Basicamente esta crítica adorniana procura desvendar a terrível máscara criada pela falsa consciência da racionalidade científica e sua Indústria Cultural. No transcurso de seus textos o autor explícita estar presente na esfera individual a força libertadora contra toda a coerção social alienante.

Enfim, com Adorno há que se reconhecer que, no contexto da sociedade capitalista, ávida e movida pelo lucro, ainda devem subsistir os ideais ascéticos cujos fundamentos permitem ser ponto de resistência do indivíduo chamado a ser sujeito da construção social livre da alienação e da contenda.

Seguem alguns comentários particularizados sobre determinados itens que permitirão apreciar o alcance da crítica adorniana à existência moderna:

- O fim da família paralisa as forças de oposição. Daí nasce a ordem coletivista alienante. O próprio casamento não passa de uma "subjugação de interesses". E o divórcio põe à tona os graves problemas que perpassam a vida íntima das pessoas e do casal. A instituição matrimonial guarda em seu íntimo uma profunda hipocrisia.

- A sociedade moderna tecnificada traz uma profunda ruptura entre o público e o privado. O particularismo dos interesses burgueses e seu individualismo pervadem as instâncias da vida compartimentalizada e estafante.

- A sociedade é avarenta, pontilhada de interesses e dominações. Nas próprias relações estabelece-se o princípio básico da dominação, até mesmo nas relações mais imediatas.

- O próprio indivíduo perdeu sua autonomia, foi privado da experiência de si mesmo. A funcionalidade das coisas, da sociedade tecnificada exigem apenas "técnicas" de manejo. A experiência subjetiva, a gratuidade do diálogo, a formação de uma consciência crítica se tornam insignificantes. As próprias relações se tornam frias. Até mesmo o ato de dar um presente perde o sentido profundo, pois este também não passa de uma mercadoria, desprovido portanto, de "relação". Enfim, a modernidade chegou à afirmação do indivíduo como mônada fechada. Hoje, os interesses individuais são os mais universais. Na própria percepção arquetípica de si está a dimensão da virilidade, da independência, da segurança e do poder. Enfim, à medida em que o sujeito desaparece, nega tudo o que não é da mesma espécie que ele.

- No que diz respeito à cultura, ela aparece como ideologia do simulacro; que encobre, simula. Possui um caráter propagandístico e dominador. A cultura alemã na pré-guerra estava ávida por um Hitler! Há uma relação íntima entre conhecimento e poder e a imbecilidade deste. A indústria cultural "cria" o conhecimento. A racionalidade da técnica identifica-se com a racionalidade do próprio domínio. O consumismo se torna o portador da ideologia dominante. A ciência e a técnica erigiram-se como destruidores do mito, da magia, do medo e da alienação às forças naturais, mas tornaram o homem vítima de um novo engodo:

o progresso da dominação técnica e sua cultura da dominação ideológica. Daí que esta cultura industrial impede a formação de indivíduos autônomos, independentes e capazes de julgar e de decidir com consciência.

- Em decorrência do desvirtuamento da dominação cultural e sua falsidade artificial a crítica de Adorno à Filosofia Hegeliana é mordaz: "O todo é o não-verdadeiro" (P. 42) O sujeito como indivíduo capitula e com ele sua capacidade crítica. Sucumbe no niilismo existencial.

- A Guerra, neste prisma, assume o máximo de sua barbárie, pois toma os contornos de uma guerra sem ódio. Antes, como um negócio, uma propaganda e seus beligerantes, atores. É o arcabouço final da inumanidade. É a rejeição cabal da Filosofia da história, a filosofia do espírito de Hegel. É a barbárie em ação.

- O pequeno burguês que se identifica com o poder que o domina e que, portanto, não o tem, é um arrogante.

- A sociedade racional/técnica elimina o sentido do viver feminino, visto ser eminentemente patriarcal. A emancipação da mulher é mais uma farsa enquanto vista como desumanização. A imagem da harmonia entre o homem e a mulher é efêmera, visto que esta aparente harmonia é suprimida na intimidade pela barbárie e o ideal feminino acaba sendo forjado pela sociedade masculina.

- Na sociedade burguesa os intelectuais estão mais atentos às formas que ao conteúdo e o discurso docente é uma usurpação. Por outro lado a linguagem do pobre é ditada pela fome. A sociedade tão decantada, como igualitária, é uma farsa. O ponto de partida não é o discurso da igualdade. É preciso se partir da desigualdade, da crítica à ideologia.

Na sociedade repressiva o discurso e sua linguagem manipulativa é uma paródia e o irracional é a razão. Neste prisma entende-se o triunfo da barbárie sobre a cultura. Assim, a própria imbecilidade da guerra é algo produzido pela sociedade paranóica e a astúcia de sua razão irracional. A ideologia transforma a verdade em mentira e esta em verdade.

- Os dominados repetem as tarefas estúpidas dos dominadores e estes produzem os seus bárbaros.

- A sociedade opulenta dá um estatuto moral à riqueza, sendo assim oportunidade de benfeitoria. É um modelo da imoralidade.

- A arte é também aparência do mundo e até mesmo de si própria por ser o que não pode ser: algo perfeito num mundo imperfeito.

Em suma: "Mínima Moralia" só pode ser entendida quando enquadrada no pensamento total de seu autor, na sua "dialética negativa" no sentido de atingir criticamente a totalidade da filosofia e da política que falseiam a realidade. Nisto perdeu-se a confiança na razão objetiva, pois o que importa à filosofia, segundo a crítica de Adorno, não é a veracidade das teorias mas sim a sua funcionalidade em vista dos fins que a própria razão não sabe quais são e sim o Sistema. A razão é razão instrumental. A este estado de coisas faz-se necessário uma crítica radical, total. E nela reconquistar a racionalidade da história, distanciando-se reflexivamente da história. É preciso reconquistar o destino e a razão da história. É nesta direção que mergulha a teoria crítica da Escola de Frankfurt, da qual Adorno é um de seus membros influentes.

Fernando Vitorino Rizzardo

Mestrando em Filosofia

PUCCAMP

GUY, Alain. **Panorama de la philosophie ibero-américaine**. Genebra. Ed. Patiño, 1989.

O mais recente trabalho do hispanista-filósofo de Toulouse sobre a filosofia ibero-americana aborda os grandes movimentos de idéias na América Latina, do século XVI a nossos dias.

O vasto panorama assim traçado mostra o interesse constante pelo tema, despertado em Alian Guy desde 1936, a partir de sua amizade com José Gaos, o pensador mexicano. Diretor do Centro de Filosofia Ibérica e Ibero-americana em Toulouse, fundado por ele em 1967, vem trabalhando de modo decisivo para a aproximação entre França e a Latino-América, em estreita colaboração com o Instituto da América Latina, da Sorbonne.

O livro é dividido em três partes. Na primeira, que engloba os séculos XVI, XVII e XVIII, o Dr. Guy trata da filosofia escolástica e seus princípios cultores, e da abertura para a ciência; de especial interesse são os capítulos sobre Bolívar e Bello, "os educadores da Independência", no dizer do autor.

A segunda parte é dedicada ao pensamento do século XIX, abordando a **filosofia romântica e espiritualista** de Mont' Alverne, Echeverria; o **positivismo** de Teixeira Mendes, Alberdi, Gabino Barreda, o **Krausismo** de Barraquero, Vergara, entre outro.

A terceira parte, mais ampla, é dedicada ao século XX e a autores representativos da **escola anti positivista** (Rodó), do **Kantismo** (K orn, Larroyo), do **bergsonismo** (Deústra, Caso, Vasconcelos, Farias Brito), do **racionalismo axiológico e historicista** (Vaz Ferreira, Reale, Ardao, Pucciarelli), do **orteguismo** (Ramos, Zea, Carretero, Kujawski), da **fenomenologia** (Romero, Frondizi, Massuh), do **existencialismo** (Astrada, Virasoro, Ferreira da Silva), do **domarxismo** (Ponce, Justo Mariátegui, Caio Prado, Miné Quesada), do **tomismo** (Derisi, Quiler), do **espiritualismo agostiniano** (Farré,

Caturelli), da **filosofia da libertação** (Gutierrez, Boff, Dussel), para citar apenas alguns autores e escolas estudados.

A ampla **bibliografia** que se segue divide-se em **quatro partes**: a primeira mostra obras que apresentam a filosofia latinoamericana no seu conjunto; a segunda, indica antologias temáticas; a terceira, uma seleção de obras que exibem panoramas filosóficos, por países; Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, São Domingos, Salvador, Uruguai, Venezuela; finalmente, na quarta parte, são elencadas revistas filosóficas dos diversos países.

O texto é completado por um índice de nomes próprios, em ordem alfabética, dos diferentes autores estudados.

Um trabalho de imensa erudição, pioneiro e cuidadosamente preparado. Em termos metodológicos, um exemplo de estudo comparativo em História da Filosofia.

Constança Marcondes César

Instituto de Filosofia - PUCCAMP

DURAND, Gilbert

De la mitocrítica al mitoanálisis: Figura mítica y aspectos de la obra
Anthropos, Barcelona, 1993, 366p.

Gilbert Durand, nascido na França em 1921, é professor de Sociologia e Antropologia Cultural na Universidade de Grenoble I. Discípulo de Bachelard, procurou completar antropologicamente a investigação inaugurada por aquele pensador em **A psicanálise do fogo**. À luz da escola de Eranos (co-fundada por Jung), Durand elabora uma hermenêutica simbólica na qual adota uma atitude mitologista: a linguagem mítica é apresentada por ele como o solo nutrício das demais linguagens.

Ao longo do itinerário intelectual durandiano, a imaginação tem sido apresentada não como a 'louca da casa', válvula de escape para o irracional, mas como algo próprio do homem, como aquela faculdade que transcende e ordena as demais atividades do 'Homo Sapiens'. Para Durand, é por meio da imaginação que se realiza a compreensão do sentido. Ele, através de um árduo trabalho de recopilação, comparação e classificação de símbolos, constatou que o imaginário não é um caos dominado pela arbitrariedade: ao contrário, há nele uma articulação interna: certas convergências e correspondências de símbolos que permitem agrupá-los em diferentes constelações. Todo esse trabalho de ordenação das imagens, segundo uma dinâmica intrínseca, levou-o a uma classificação tripartida do universo simbólico articulada em 3 grandes protocolos normativos das representações imaginárias (estruturas: heróicas, sintéticas e místicas) que foram agrupados por Durand em 2 regimes (Diurno e Noturno).

Tendo investigado a morfologia do mundo imaginário, Gilbert Durand também examinou o dinamismo em virtude do qual as grandes imagens tendem a organizar-se em relatos típicos, dando origem à linguagem mítica. Nosso autor, assume uma atitude mitologista que implica numa revalorização epistemológica

do mito, visto como um relato fundador do qual se desprende todo sentido. Em decorrência disso: o estudo de qualquer linguagem cultural será executado, de acordo com Durand, tendo como referência última o mito que se encontra oculto na origem de uma obra cultural; bem como o mito será também o sistema último de referência a partir do qual procuraremos compreender a história. Propõe-se então uma nova metodologia (mitocrítica e mitoanálisis), que será uma verdadeira 'mitodologia', extensiva a todas as disciplinas que fazem do homem, em suas diversas manifestações, objeto de investigação.

A partir das considerações anteriores, verificamos que o livro: *De la mitocrítica al mitoanálisis: Figura mítica y aspectos de la obra*, publicada pela editora Anthropos de Barcelona, é uma demonstração magistral da operatividade metodológica do modelo durandiano, conforme afirma Alain Verjat na "Nota do tradutor". No livro em questão, Durand nos oferece uma coleção de estudos sobre pintores e escritores. As análises do pensador francês estão centradas em torno de duas hipóteses principais que demonstram e, simultaneamente, precisam a metodologia durandiana:

1) Continuidade entre o imaginário mítico e a disposições adotadas pelos relatos culturais modernos;

2) O comportamento concreto dos homens, precisamente seu comportamento histórico, repetem timidamente os decorados e as situações dramáticas dos grandes mitos.

O autor inicia a obra, apresentando algumas definições operativas acerca do simbolismo e consagra 2 capítulos à crítica do estruturalismo formal. A 2ª parte: "Realismo y configuración Dinâmica de las Estructuras" inicia-se com a aplicação, em exemplo concretos escolhidos da arte pictórica, das conclusões dos capítulos anteriores. A partir da rejeição a todo tipo de redução, afirma-se a primazia absoluta da obra em sua singularidade criadora sobre todas as formalizações. Dara Durand, o conhecimento de uma obra de arte deve seguir a dinâmica das tensões estruturais. Seguindo, ele examina a passagem da psicocrítica à mitocrítica através da análise da obra de Xavier de Maistre (Cap. 5). No capítulo seguinte, encontramos um exame do caráter normativo do mito. Durand mostra como o gênero literário novelesco não pode prescindir do

esquema mítico do herói triunfante. No capítulo 7, investiga-se a persistência do mito (no caso, mito do Egito) examinando-se a obra Stendhal. Encontramos, nos livros deste escritor francês, exemplos da passagem de imagens obsessivas e do 'mito pessoal' para uma mitologia coletiva.

A 3ª grande parte da obra trata da passagem da mitocrítica à mitoanálisis. Encontramos inicialmente um exame de como o século XIX passa dos mitos de Prometeu aos da intimidade mística (Cap. 8). O capítulo 'El Siglo XX y El Retorno de Hermes' apresenta uma fina análise do deslizar do pensamento do século XX, e de suas imagens motoras, até uma via de síntese. Esse capítulo pode ser dividido em 3 seções: Uma girando em torno dos perigos de perversão que implica a quebra do mito unitário de Prometeu, através do estudo de obras de Gide e H. Hesse; Outra analisando, através do exame das obras de Proust e Meyrink, a tentativa de reintegração da alteridade, visando a recuperação de uma ética pluralista. A terceira colocará em relevo a importante questão da ética da plenitude, a partir do pensamento jungiano.

Como conclusão, Durand apresenta uma sistematização provisória dos métodos implicados nas diversas análises realizadas nos capítulos anteriores. Sobretudo, ressalta que a mitocrítica é síntese construtiva das demais críticas literária e artísticas. Mostra também que a mitoanálisis tem uma perspectiva mais ambiciosa de decifrar amplas orientações míticas de momentos históricos e culturais coletivos.

O livro: **De la mitocrítica al mitoanálisis...** tem o mérito de demonstrar, conforme afirmamos anteriormente, a operatividade metodológica das hipóteses durandianas. Constatamos que Gilbert Durand, seguindo um procedimento muito particular, aliou, nessa sua obra, a teoria com a prática e abordou com amenidade as considerações mais abstratas. A leitura desse livro permite ao leitor - estudioso de Literatura, Filosofia, antropologia - entrar em contato com teses bastante inovadora e fecundas para as Ciências Humanas.

Wanderley Martins da Cunha

CNPq/PUCCAMP

GARAGALZA, Luis.

La Interpretación de Los Símbolos: Hermenéutica y Lenguaje En La Filosofía Actual.

Barcelona: Anthropos, 1990, 206p.

Luis Garagalza estudou filosofia na Universidade de Deusto e, atualmente, leciona na Universidade do País Basco. Ele expõe em "**La Interpretación de Los Símbolos: Hermenéutica y Lenguaje En La Filosofía Actual**", fundamentalmente, o conteúdo de sua tese de doutoramento referente a G. Durand e à Escola de Eranos, apresentando, no final da obra, a hermenêutica de Cassirer e Gadamer de modo abreviado.

Como introdução, Garagalza discute as relações entre reflexão filosófica e linguagem, mostrando que a preocupação com a linguagem tem sido, ao longo da história, algo permanente. Para o autor, no século XX essa preocupação acentuou-se até o ponto de o problema lingüístico tornar-se o centro da reflexão filosófica. Nota-se, todavia, a existência de duas posturas antagônicas na abordagem da linguagem como problema filosófico: a filosofia analítica da linguagem e a hermenêutica (compreensiva) da linguagem. Gadamer, Cassirer e Durand situam-se, apesar das diferenças de procedência e interesses, no âmbito da postura hermenêutica. Para eles, a linguagem é uma intermediária que possibilita a compreensão (interpretação) do sentido. Refletir sobre a linguagem é refletir sobre a compreensão.

Na parte mais densa e detalhada do livro (3 capítulos), Luis Garagalza concentra seus esforços na apresentação do pensamento de Gilbert Durand. Inicia afirmando que a obra desse estudioso e o novo enfoque filosófico da linguagem que dela se desprende aparecem marcados pelas investigações poéticas de Bachelard e pelas investigações interdisciplinares da Escola de Eranos.

Durand, a partir da porção não estritamente científico-filosófica da obra de Bachelard, por ampliação reinterpretativa, lança seu projeto de integração e compreensão da totalidade do universo do discurso humano em uma teoria antropológica unitária.

A Escola de Eranos fundada por Jung em 1933 é, atualmente, o ponto de convergência de amplos estudos interdisciplinares sobre o homem. A característica dessa escola é a busca de um conhecimento gnóstico que persegue a captação do sentido que emerge do nível mais primário, do mito, da experiência vivida e sentida. Assim sendo, o símbolo aparece como o único meio através do qual o sentido pode manifestar-se a realizar-se. Durand, integrado a essa escola e assumindo, como ponto de partida, a teoria do simbolismo de Jung, procede uma crítica ao otimismo jungiano que considera a imaginação simbólica exclusivamente em sua atividade sintética, e procura elaborar uma teoria geral do imaginário.

Garagalza analisa ainda a relação crítica que Durand estabelece com o estruturalismo e a simpatia que esse discípulo de Bachelard tem pela Tradição (pensamento hermético baseado no conhecimento simbólico e não-distinção entre o homem e o cosmos). Durand propõe uma atualização da metodologia hermética como fundamento do "novo espírito antropológico".

Tendo apresentado as coordenadas intelectuais sobre as quais se constrói o pensamento de Durand, discute-se a noção de linguagem simbólica defendida pelo pensador francês. No capítulo denominado "El Símbolo", o autor mostra como Durand delimita a noção nuclear de símbolo, apesar desta se encontrar rodeada por um halo evanescente que não se deixa fixar totalmente. Em seguida, examina-se a dialética que o símbolo estabelece entre a natureza e a cultura, entrelaçando-as num trajeto antropológico.

O homem se encontra solicitado por duas forças extremas: tendências instintivas e as coerções sociais/ambientais. Aquilo que o caracterizaria seria o fato de manter um equilíbrio dinâmico entre essas duas forças, estabelecendo um acordo. Tal função seria

executada pelo simbolismo. Durand define o trajeto antropológico como sendo exatamente o incessante intercâmbio existente no nível do imaginário entre as pulsações subjetivas e as intimações objetivas advindas do social.

Em um outro momento de extrema relevância do texto, é nos apresentado um exame da morfologia (classificação sistemática) do mundo imaginário que a linguagem articula. Para Durand, o universo simbólico humano é dividido em dois regimes: diurno e noturno. Esse universo não é um caos inconexo, revela uma articulação interna, certa polarização das imagens em torno de esquemas dinâmicos e de arquétipos, formando constelações de símbolos coerentes. Tais constelações vão convergindo na direção de duas forças de coesão fundamentais, até delimitar os dois regimes antagonísticos citados acima.

No capítulo "El mito y su interpretación. Mitocrítica y mitanálisis.", Garagalza passa a apresentar a dimensão dinâmica do símbolo, isto é, o dinamismo em virtude do qual as grandes imagens tendem a organizar-se em relatos típicos, dando origem à linguagem mítica. Aqui o mito é visto como a primeira emergência da consciência, instaurador da significação afetiva na qual se enraíza todo posterior desdobramento de sentido. No mito, símbolos, esquemas e arquétipos se dinamizam, articulando-se um relato onde os acontecimentos se sucedem linearmente. Durand, afirma o autor, vê no mito um modelo de linguagem.

A atitude mitologista de Durand acarreta uma revalorização epistemológica do mito: "El mito es el sistema último de referência a partir del cual la historia se comprende". (pág. 99) Também, segundo a visão durandiana, o estudo de qualquer obra cultural deverá ser feito tendo como referência última o mito que permanece oculto em sua origem. Nesse sentido, propõe-se uma mitocrítica que busca descobrir o mito no qual se integram as obsessões e os complexos pessoais.

Tendo feita a exposição da hermenêutica de Gilbert Durand, o autor apresenta rapidamente a hermenêutica da linguagem na filosofia de E. Cassirer (apêndice 1) e a ontologicidade da linguagem na hermenêutica de H. G. Gadamer (apêndice 2).

A obra que a Editorial Anthoropos agora nos apresenta é, seguindo as palavras de Ortiz-Osés na apresentação da mesma, um estudo esclarecedor e pedagógico, claro e profundo: mostra de um modo sistemático o âmbito da hermenêutica que ainda permanece pouco explorado em nosso meio. Sobretudo, a obra de Garagalza permite-nos visitar com segurança os aspectos principais da obra de Durand. Por fim, o livro em questão é de extremo interesse tanto para aqueles que trabalham no campo filosófico como para investigadores de outras áreas das Ciências Humanas.

Wanderley M. da Cunha

CNPq-PUCCAMP

SCHELER, Max. **Da Reviravolta dos Valores: ensaios e artigos.** Trad. M. A. S. Casa Nova. Petrópolis: Vozes. 1994. 184 pags.

Max Scheler (1874-1928), filósofo emocionalista alemão, inspirou-se em Husserl para aplicar o método fenomenológico ao mundo dos valores. Para ele, há um tipo de experiência capaz de revelar objetos autênticos, dispostos em ordem eterna e hierárquica, totalmente qualitativos e objetivos, independentes, assim, do sujeito. Estes objetos são os valores, que não são bens nem fins.

Composto da introdução e de dois textos, "Para a Reabilitação da Virtude" e "O Ressentimento na Construção das Morais", que apresentam a fenomenologia na apreensão dos fenômenos em consonância com o instante originário do seu aparecer, **Da Reviravolta dos Valores** compreende uma parte da obra de Max Scheler, que trata da questão da virtude, do amor cristão, do ressentimento, do ódio, da cobiça e do humanismo moderno, no intuito de libertar a juventude alemã de todo veneno trazido pelo ressentimento. Outra tese defendida neste livro é o resgate da possibilidade de compreensão de Cristo, enquanto modelo de força vital, refutando a tese Nietzscheana acerca do cristianismo.

Na introdução, Scheler aborda a questão da herança do pensamento e faz um apelo por novos herdeiros, novas pessoas para assumirem a tarefa de pensar, ou seja, novos filósofos.

No primeiro texto, Para a Reabilitação da virtude, Scheler busca retomar a virtude no seu conceito original grego, até então, deturpada pelos filósofos da burguesia moderna, como Kant, para quem a virtude é um mero efeito da vontade em consonância com o dever. Max Scheler apresenta a humildade como sendo a mais nobre das virtudes cristãs e o caminho para a salvação. Contudo, chama a atenção para a interpretação errônea da humildade enquanto servidão. Para ele, a humildade consiste na dinâmica de não deixar que a alma se contamine com valores terrenos. Scheler chama a atenção também para a veneração do homem à Deus, ao mundo e

à si próprio, ou seja, a busca de valores de plenitude e profundidade desses seres, deixados de lado pela evolução científica e tecnológica.

No segundo texto, Scheler define o ressentimento como um revivenciar uma emoção, um sentir de novo. Contudo, essa palavra traz uma qualidade negativa, um movimento de hostilidade. Fenomenológica e sociologicamente, o ressentimento é o envenenamento da alma com movimentos e afecções normais à natureza humana. Tais movimentos são o impulso de vingança, o ódio, a maldade, a cobiça, a inveja e a malícia. Contudo, a origem do ressentimento está na comparação de valores de uma pessoa com relação à outra, que vai do individual ao social, ao econômico e até ao existencial. Mas, há na consciência uma tendência de superar o estado insatisfatório entre a tensão e o não poder, encarando positivamente o fato de um bem respectivo ser negado, tornando-o uma aspiração em consonância com a vontade para conquistar um bem. Desse modo, o ressentimento encontra vital importância na formação da ética e da moral, como na moral cristã, convertendo o ódio em amor.

Scheler apresenta também o ressentimento como atuante e modificador da moral do homem moderno, analisando três elementos principais: o valor do trabalho pessoal e da aquisição própria; o subjetivismo dos valores; e a subordinação dos valores da vida aos valores da utilidade, mostrando que o valor vital supera o valor da utilidade, e o útil é apenas a realização de algo agradável, devendo a vida produzir algo útil apenas na medida em que pudermos gozar de algo agradável, quando ela mesma é colocada na fila dos valores vitais mais elevados e pode dominá-los livremente. Desse modo, essa hierarquia valorativa, válida a si mesma, se constitui, através da sua interligação, numa reviravolta completa da moral moderna.

Concluindo, pode-se dizer que, em tempos de crise pelos quais passa a humanidade, Scheler não escreve apenas para a juventude alemã, mas, para todos aqueles que, de uma forma ou outra, vivem o drama do ressentimento.

Geraldo Evangelista Pereira

2º Ano de Filosofia - PUCCAMP